

POÉTICAERÓTICA: A CORAGEM SAPATÃO DE PESQUISAR COM O CORPO EM INSUBMISSÃO

Maria Lizandra Mendes de Sousa (Liz Mendes)¹

Zuleide Paiva da Silva (Eide Paiva)²

CORPO QUE PESQUISA É O MESMO QUE GOZA...

De olhos fechados, de pés descalços e de sentidos abertos escrevo com o corpo suado, molhado e inquieto. A água que escorre sobre meu corpo é a mesma que conduz os dedos, umedecidos pelas palavras que transbordam do corpo-vivo: escrita molhada, gozada, desejanse, transbordante e, sem e com pausa, curiosa. Neste texto, surgido em chuveiro-ficção, emerge também uma pergunta que arde: quem pode escrever com o gozo? Por que quando a escrita é sapatão, encarnada, poéticaerótica, ela é tratada como ameaça, desvio?

Em meios a estes questionamentos, este texto urge da seguinte pergunta (des)norteadora: o que acontece com a pesquisa quando o corpo que sente, goza e desobedece é também o corpo que escreve e produz saber? Assim, o objetivo deste texto é compreender como a pesquisa se transforma como a escrita acadêmica se transforma ao ser conduzida por um corpo poeta sapatão.

Este trabalho é parte de uma pesquisa de mestrado³ em andamento vinculada a um programa de pós-graduação do interior da Bahia – território onde as palavras-experiências insistem em surgir molhadas de resistências –, que ousa inventar uma epistemologia poéticaerótica sapatão feminista a partir dos movimentossaberes entre academia e movimentos sociais de estudantes em processo de formação docente inicial.

Sentindo o suor que escorre pelo meu corpo, este texto é tecido com fios de desejo, vulnerabilidade, ficção, dengo e insubmissão. Uma escrita encarnada, radicalmente comprometida com as experiências de corpos sapatão que foram historicamente silenciados, disciplinados, apagados.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGED) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XIV, Conceição do Coité. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), eusendoliz@gmail.com;

² Professora Doutora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGED), eidepaivasilva@gmail.com

³ Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

A ficção e a memória se entrelaçam, criando um espaço híbrido onde sentimentos, vivências e referências se encontram para narrar uma trajetória em construção. Entre fragmentos, inspiro-me no processo de escritasentir e nos rebuliços ocasionados pela leitura do livro “Amora”, de Nathália Borges Polesso (2022), e da obra “Semente originária” de Octavia Butler (2021). As obras citadas não apenas me inspiraram, mas também moldaram o modo como revisito e expresso minhas memórias. Nathália Borges Polesso e Octavia Butler trazem reflexões sobre pertencimento e identidade.

Ambiguidades que turvam cenas, acontecimentos, memórias e experiências, rompendo com o compromisso com o conhecimento factual, a veracidade e a seriedade da ciência. O que há de fantasia e possíveis nos enredos? Inventar sem pudor, radicalização dos impossíveis, redesenhos da escritaciência, tomando com saliva a escrita para si.

Trata-se, portanto, de um texto que é um ato-conto poéticoerótico. Um gesto-corpo que ousa escreverpesquisargozar com palavras que molham, com perguntas que sangram e com a ternura de quem ainda acredita que a poesia pode ser também resistência, também ciência, também sobrevivência.

PALAVRAS QUE MOLHAM, POÉTICAERÓTICA

Debaixo do chuveiro, com a água escorrendo sobre a cabeça e molhando todo o corpo, ela se banhava de olhos fechados. Dolorida, repleta de medos e inseguranças, entregou-se mais uma vez às águas. A água fria que deslizava fluida a envolvia em um abraço líquido. E assim, em abraços, deixou-se abrir e molhar.

Ouviu passos. Permaneceu de olhos fechados.

A porta foi aberta.

Como quem carrega a raiva como pulção de vida e transformação, Audre Lorde (2019) entrou no banheiro, preenchendo o espaço. Abriu devagar o box e se aproximou. Mesmo sentindo sua presença rente, ela manteve os olhos fechados. A água já conduzia todo o espaçotempo.

Audre pegou o sabonete líquido e perguntou:

– Posso passar nas suas costas, onde você não alcança?

Ela assentiu sem hesitar. Toda molhada — de água doce e salgada — sentiu as mãos de Audre massagearem suas costas: toques suaves e firmes. Deixou-se ser tocada, rasgada e lambuzada pela poeta. Vulnerável. Craquelada. Não queria, de forma alguma, que sua

vulnerabilidade transparecesse; que suas lágrimas, medos e inseguranças fossem percebidos por Audre Lorde.

Mas, a cada movimento das mãos, algo se deslocava. De repente, ela chorou. Chorou feito criança, moleca demais, sentindo as dores do mundo. E entre soluços, as mãos de Audre não cessaram. Subiam agora até o pescoço.

– O que anda atormentando seu coração?

– Quem pode escrever sentir? Por que a poética erótica é um perigo? Perigo para quem? O que deve ser camuflado? Existe lugar para a nossa escrita sapatão na pesquisa?

Por que, quando escrevemos com a pulsão da poética erótica, nos olham como predadoras? Por que deslegitimam o que carregamos no corpo? Podemos pesquisar com gozo?

As palavras saíam entre as lágrimas. Já não se sabia mais o que era a água do chuveiro ou as tempestades que caíam de seus olhos.

Audre Lorde (2019, p. 45), ainda com as mãos em suas costas e pescoço, começou a tocar-lhe os cabelos e disse:

– Para as mulheres, então, a poesia não é um luxo. É uma necessidade vital da nossa existência. Ela cria o tipo de luz sob a qual baseamos nossas esperanças e nossos sonhos de sobrevivência e mudança – primeiro como linguagem, depois como ideia, e então como ação mais tangível.

As palavras estremeceram-lhe o corpo. Ainda de olhos fechados, perguntou se Audre não queria também se banhar. Ela disse que sim. Tirou as roupas e, sem medo da água fria, entrou debaixo do chuveiro. Passou as mãos pelo corpo, ensaboando-se de vida.

– Posso passar o sabonete em suas costas... e onde mais você quiser?

Audre consentiu. Com movimentos suaves, ela pegou o sabonete líquido, espalhou nas mãos e, em gestos lentos, fez poesia sensorial nas costas nuas da poeta. Na lentidão das carícias de uma sapatão que degusta a vida na presença de outra, foi vendo sentindo o nascer do sol no corpo nu da poeta. Os raios surgiam no horizonte: cores amarelas contornavam cada centímetro daquele banheiro, refletindo o arrebatamento.

Como mar que brilha sob a luz dourada, a água alongava os arrepios do sentir sapatão. E como quem precisa de oxigênio, ela verbalizou:

– Coragem. Uso a poesia como dispositivo de coragem para quebrar os silêncios, inventar flechas, brechas, saídas possíveis. Dispositivo de sobrevivência. De denúncia. Formativo, experiencial, estético, político. Que me faz acordar, que me desloca, que me oferece oxigênio. Poeta, poesia: corpo implorando por ar.

Audre Lorde sentia ouvia cada palavra com o cuidado e afeto de quem cuida de flores que desabrocham para a intensidade da vida. Com denço e encanto.

Na imensidão do banheiro inundado, Audre Lorde (2019, p. 67) disse, olhos fechados:

– O erótico é uma dimensão entre as origens da nossa autoconsciência e o caos dos nossos sentimentos mais intensos. É um sentimento íntimo de satisfação, e, uma vez que o experimentamos, sabemos que é possível almejá-lo.

Respirando no ritmo da água e das mãos que percorriam seu corpo, continuou:

– Fazemos poesia com nossas entranhas. Reivindicamos o erótico como respeito próprio. Exigimos, anunciamos, desejamos, lutamos por nosso poder, nossa força vital.

As palavras a tomaram com força. Parou, em êxtase, o movimento das mãos sobre o corpo de Audre Lorde.

Várias perguntas giravam no ar: Quais narrativas gozadas podem ser (auto)anunciadas? Quais arsenais nossos corpos carregam? O que dizem os corpos-arsenais sobre práticas poéticaseróticas? Ao reivindicar uma escrita poéticaerótica, o que os corpos querem impulsionar? Pode um corpo sapatão gozar? Escrever? Pesquisar? Produzir outras epistemologias? Escreverpesquisar gozando poéticaseróticas? Um corpo-nos-outros-corpos-gozando-poéticas-eróticas- numa-pesquisa-em-educação?

Subitamente, ela abraçou Audre com a intensidade das noites estreladas e dos pôres do sol alaranjados. Em denço, sussurrou:

– Estou ousando-audaciando isso... São orgasmoslouquices teórico-metodológico-epistemológicas, a partir da poéticaerótica. Sabe a solidão que é a vergonha de si? Vergonha de pronunciar palavras gozadas, de se entregar sem pudor, de se amar, foder, comer gostoso a si mesma. Essas vergonhas são esquecimentos do corpo. Esquecer a potência do corpo é tentativa visceral de genocídio. Esquecendo-se da potência que pulsa vida, intensificam-se corpos reprimidos, rígidos – que não merecem sentir nada além da vergonha. Você me deu espaço para germinar. Você me fodeu, me atravessou, me tomou com todos os sentidos. Saio deste banho-denço lambuzada de desejo do devir, embebida na radicalidade do corpo, penetrada sem vergonha de mim. Molhada em rupturas. Saio sapatão querendo amar, escrever, poetizar, erotizar, gozar... a vida. Querendo viver de/em denço. Grata por estar comigo.

Com os corpos nus e em denço, molhados pela água fluida, o abraço – forte, cheiroso e cheio do sentir sapatão – foi tomado pelo desejo de construir uma epistemologia poéticaerótica sapatão-feminista.

Então ela abriu os olhos, sorrindo para o vento.

Não estava no banheiro. Nem sob a fluidez das águas. Nem em denço com Audre Lorde.

Passara o tempo todo de olhos fechados, deitada no chão do quarto.

Tudo não passara de pensamento.

Até eu me assustei. Por um instante, acreditei que a cena poéticaerótica do sentir sapatão fosse real.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De tudo, me atravessa o corpo-palavra que pulsa. O corpo-palavra que não se cala, que escreve, que pesquisa com as entranhas à mostra. Este texto, ao se fazer pesquisa, não deseja encontrar verdades estáticas nem propor fórmulas metodológicas universais. É um ponto de vista produzido por um corpo sapatão. Um texto que ousa sentir outras linhas, caminhos e possibilidades. Ele existe como desejo de romper silêncios e dançar-brincar com os limites do que chamamos de ciência.

O conto aqui exposto – entre chuveiros, lágrimas, gozos e ficções – são deslocamentos possíveis, atravessados pelo encantamento como pulsão de vida. Um conto para lersentir a potência da poéticaerótica como gesto de resistência, insubmissão e invenção, a partir de uma escrita que não teme molhar os papéis da academia com a umidade do sentir sapatão.

Uma pesquisa em andamento que, aqui, mostra a necessidade de uma epistemologia que reconheça o corpo como lugar legítimo de saber. Um corpo-gozante e um corpo-sofrido, que também é um corpo-desobediente. Um corpo poeta sapatão insubmisso! Além disso, a escrita por meio de um conto ficcional se umedece como dispositivo de denúncia, deslocamento e criação de outras formas de habitar o mundo acadêmico e a pesquisa.

No sentir sapatão, compreendo que a poéticaerótica é uma pulsão pedagógica: ela não apenas narra, mas forma, desforma, tensiona, afeta e inquieta. Na urgência, digo: é preciso despatologizar e desmoralizar o gozo na escrita acadêmica. O gozo aqui, a partir da poéticaerótica, é energia criadora, estética de insurgência.

Desejo, então, em palavras que continuam encharcando este e outros textos. Siga como corpo em estado de travessia-poesia: molhado, aberto, indisciplinado, gozando as possibilidades. Talvez seja este o convite mais radical da poéticaerótica: pesquisar como quem ama, como quem respira entre um gemido e outro, como quem ousa existir de olhos fechados, mas com o corpo aberto, pulsando.

Palavras-Chaves: Poéticaerótica, Corpo, Sapatão, Pesquisa, Insubmissão.

REFERÊNCIAS

LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

OCTÁVIA, Butler Estelle. **Semente originária**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Editora Morro Branco, 2021.

POLESSO, Natalia Borges. **Amora**. 2. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2022.